



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

FRANCISCO FERREIRA DE ARRUDA

**A (DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA PERSONAGEM *NETO* A PARTIR DA
OBRA CINEMATOGRAFICA *BICHO DE SETE CABEÇAS*, DE LAÍS BODANZKY**

**PATU-RN
2024**

FRANCISCO FERREIRA DE ARRUDA

A (DES) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA PERSONAGEM NETO A PARTIR DA OBRA CINEMATOGRAFICA *BICHO DE SETE CABEÇAS*, DE LAÍS BODANZKY

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP), Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas como requisito para a conclusão do curso.

Orientadora: Prof^a Dra. Luciana Fernandes Nery

**PATU-RN
2024**

inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A779d Arruda, Francisco Ferreira de
A (des)construção identitária da personagem Neto a partir da obra cinematográfica bicho de sete cabeças, de Laís Bodanzky. / Francisco Ferreira de Arruda. - Patu, 2024.
39p.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Bicho de sete cabeças. 2. (Des)identitária. 3. Família. 4. Representações individuais e coletivas. I. Nery, Luciana Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

FRANCISCO FERREIRA DE ARRUDA

A (DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA PERSONAGEM NETO A PARTIR DA OBRA CINEMATOGRAFICA *BICHO DE SETE CABEÇAS*, DE LAÍS BODANZKY

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP), Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas como requisito para a conclusão do curso.

Aprovada em: 04 de dezembro de 2024

Banca Examinadora

Luciana Fernandes Nery

Profª Dra. Luciana Fernandes Nery – Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Annie Tarsis Moraes Figueiredo

Profª Dra. Annie Tarsis Moraes Figueiredo – Examinadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Beatriz Pazini Ferreira

Profª Dra. Beatriz Pazini Ferreira – Examinadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

A priori, dedico este trabalho aos meus avós paternos (*in memoriam*), que labutaram para que este sonho se tornasse realidade; bem como aos meus avós maternos que mesmo de maneira arcaica foram importantes no meu crescimento psicossocial. Também aos meus pais que foram importantíssimos na minha formação. Assim como meus amigos, que tenho apreço e a todos que deram sua parcela de contribuição de maneira direta e indireta para a conclusão deste trabalho de grande valia em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Imensuravelmente, agradeço ao *cosmo* pela existência e as condições a mim ensejadas, ou seja, tornando-me realizado não por sonhar, mas por torná-lo uma realidade em minha caminhada. Aos meus pais, Francisco Ferreira da Silva e Helena Fernandes de Arruda, que mesmo sendo pessoas de poucos saberes se esforçaram pela minha educação desde os anos iniciais. A eles, minha imensa gratidão.

Ainda agradeço de forma especial a Dona Maria Pereira da Silva que foi uma pioneira em minha educação.

É com esmero que agradeço aos meus avós paternos que seguiram me ensinando a ver o mundo de maneira simples e respeitosa para com o semelhante. Aos tios e tias que também, mesmos distantes, deram suas contribuições para meu crescimento.

A minha amiga, “mãe”, Dra. Alvaní Vieira da Costa, que também me incentivou e possibilitou meu crescer. Ao meu amigo Pedro Henrique que compartilhou momentos inesquecíveis ao longo da jornada.

De maneira afetuosa, agradeço a amiga e (irmã) Janicleide Gomes, bem como a meus amigos Amaximandro Gomes e Amexágora Gomes, que desde pequenos estiveram ao meu lado. Ao amigo Marcel Gonçalves, sua avó Dona Rita Pereira e sua genitora Sônia Pereira. A Phillippe Pinheiro, amigo que nunca fez objeções no que tange a luta cotidiana. As amigas Maria das Graças, Rafaely Danilly e Dona Rosa, pessoas de grande estima. Aos guerreiros de farda: Francisco Alex; Francisco Pereira; Francenildo Cardoso; Hilton Lira; Ismar Tomaz, Jair Pereira; José Zito (este insubstituível); Marcos Sabino; Ozimar Lopo; Rubson Gomes e Thiago Rafael.

A Cleide Clementino e Neilson Bezerra que sempre acolheram a todos em seu lar. As amigas Santelma Gomes, Jéssica Naara, estas nunca ficaram distantes, pois sempre ajudaram da maneira que puderam, aconselhando, brincando, brindando a vida como ela é.

Aos amigos Leilson Pereira e Edna Maria, ambos acolhedores e conselheiros. Também ao amigo José Tagno, Irenilson Araújo companheiro da diversão e a enfermeira Maria Luiza, que nunca mediu esforços para contribuir com

experiência de vida e com sua amizade; mulher que buscando seu aperfeiçoamento como técnica de enfermagem também me acolheu em sua singeleza.

Agradeço também ao meu amigo Fransnarly Cavalcante, homem de grande entusiasmo e dedicação pelo que faz no seu dia a dia. A Severino Gomes (homem da arte rústica). Ao amigo camará capoeirista Dinamar do Vale que me ensinou e incentivou a arte de mandigar.

Ao corpo docente do Curso de Letras do Campus Avançado de Patu, que desde o início do curso entenderam minhas nuances (Aline Inhoti, Anikelly Frutuoso (que nunca me deixou na estrada), Lailsa, Leidiana, Lara Rocha, José Romerito, Cláudia Tomé (Diretora do Campus) e Sueli (supervisora acadêmica do Estágio Supervisionado I e II). Agradeço especialmente a Luciana Fernandes Nery (Orientadora), a Annie Tarsis e Beatriz Pazini (Examinadoras deste trabalho).

Agradeço ainda a todos que contribuíram e mediaram cada trilha percorrida ao longo do curso, pois mesmo havendo altos e baixos me fizeram a tomar pulso para olhar o mundo em sua extremidade mais longínquas. Agradeço também as palavras motivacionais, a acolhida e afeto recebido durante a jornada. Todos foram decisivos para que a escolha fosse certa em seu tempo certo. Sem mais delongas, meu muito obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar a relação entre o pai e o filho a partir dos diálogos no filme *Bicho de Sete Cabeças*, (2001), de Laís Bodanzky. O referido filme trata da (des)construção identitária da personagem *Neto*, um jovem que sofre alterações no seu comportamento psicossocial por não condizer aos padrões de uma família tradicional. Por isso, o presente trabalho objetiva em linhas gerais examinar os problemas que leva a (des)construção identitária da personagem *Neto*. Dessa maneira, irar-se-á, de forma específica, elencar medidas, como a internação compulsória, o uso de sedativos e eletrochoque que são utilizadas no processo de (des)construção identitária da personagem *Neto* no que tange ao controle de seus impulsos/emoções do dia a dia a partir da obra cinematográfica *Bicho de Sete Cabeças*. Nesse sentido, o estudo aborda o contexto em que está inserido o adolescente e o que mudou no processo de (des)construção identitária, bem como a conjuntura que envolve os laços afetivos. A partir dos conceitos e teorias basilares, utilizaremos o filme *Bicho de Sete Cabeças* (2001), para uma análise das relações intersubjetivas presentes no *habitat* da personagem *Neto*, bem como ampliar o entendimento que se dá durante o processo de (des)construção identitária da personagem e como se dá o processo de representações individuais e coletivas. Para a análise, nos baseamos em teóricos como Durkheim (1974), Fadiman, Frager (1986), Freud (2017), Foucault (1978), Hall (2014), Mãe (2010), dentre outros pesquisadores. Diante disso, nossa pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa com o intuito de compreender os fenômenos do cotidiano da personagem e sua relação no âmbito social. A análise dos dados, permitiu compreender as nuances que cercam a vida cotidiana da personagem, bem como a realidade das instituições narradas na obra.

Palavras-chave: *Bicho de Sete Cabeças*; (Des)construção Identitária; Família; Representações individuais e coletivas.

ABSTRACT

This research aims to analyze the relationship between father and son through the dialogues in the film *Bicho de Sete Cabeças* (2001), directed by Laís Bodanzky. The film addresses the (de)construction of identity of the character Neto, a young man who experiences changes in his psychosocial behavior due to not conforming to the standards of a traditional family. Therefore, this work generally aims to examine the issues that lead to the (de)construction of Neto's identity. In this way, it will specifically list measures such as compulsory hospitalization, the use of sedatives, and electroshock that are employed in the process of (de)constructing Neto's identity concerning the control of his daily impulses/emotions as depicted in the film *Bicho de Sete Cabeças*. In this sense, the study addresses the context in which the adolescent is situated and what has changed in the process of (de)construction of identity, as well as the circumstances surrounding emotional bonds. Using foundational concepts and theories, we will utilize the film *Bicho de Sete Cabeças* (2001) for an analysis of the intersubjective relationships present in Neto's environment, as well as to broaden the understanding of the process of (de)construction of the character's identity and how individual and collective representations occur. For the analysis, we rely on theorists such as Durkheim (1974), Fadiman, Frager (1986), Freud (2017), Foucault (1978), Hall (2014), Mãe (2010), among other researchers. In light of this, our research presents a qualitative approach aimed at understanding the everyday phenomena of the character and his social relationships. The analysis of the data allowed us to comprehend the nuances surrounding the character's daily life, as well as the reality of the institutions depicted in the work.

Keywords: *Bicho de Sete Cabeças*; Identity (De)construction; Family; Individual and collective representations.

LISTA DE SIGLAS

CID-Fs – Código de identificação de doenças com transtornos mentais e comportamentais

CAP's – Centro de Atenção Psicossocial

RS – Representações sociais

TRS – Teorias das representações sociais

.

Não tem ninguém que mereça, não tem coração que esqueça, não tem jeito mesmo. Ter feito o que você me fez. (Geraldo Azevedo, Renato Rocha, Zé Ramalho).

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 12 |
| 2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA..... | 15 |
| 2.1 A busca pela identidade e autoafirmação do “eu”..... | 18 |
| 2.2 O conceito de identidade na pós-modernidade..... | 20 |
| 2.3 A figura patriarcal no desenvolvimento psicossocial..... | 21 |
| 3 A (DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA ADOLESCÊNCIA EM O <i>BICHO DE SETE CABEÇAS</i>..... | 24 |
| 3.1 A relação complexa entre pai e filho na adolescência..... | 24 |
| 3.2 Uma abordagem acerca da loucura na obra “ <i>Bicho de sete cabeças</i> ”..... | 28 |
| 3.3 O desenvolvimento psicossocial do personagem Neto..... | 30 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 36 |
| REFERÊNCIAS..... | 38 |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O filme *Bicho de Sete Cabeças* (2001) de Laís Bodanzky aborda problemas contundentes da vida do adolescente Neto, que vive um dilema para sua faixa etária e apresenta uma relação áspera e cruel com seu pai. A partir desta premissa, o presente trabalho se debruça sobre alguns diálogos entre o pai e o filho durante a fase da adolescência. Tendo em vista que os primeiros anos de uma criança são divididos na formação da personalidade, isso porque já estão em um processo de maturação, processo esse que ocorre antes da puberdade, muitas transformações ocorrem na vida dos indivíduos, sejam físicas, sociais e familiares. É também nesse ciclo que se compreende o processo da autoafirmação de um jovem que se questiona sobre as inquietudes do dia a dia inerente a sua identidade. Nessa perspectiva, pode-se dizer que durante essa idade ocorrem as primeiras seleções de conceitos que assumem grande papel na tomada de decisões.

No referido filme, de produção nacional, é abordada uma história baseada em fatos descritos no livro autobiográfico de Austregésilo Carrano, *Canto dos Malditos*. Na obra, o personagem protagonista Neto é um adolescente da periferia de São Paulo, que gosta de andar de *skate* como forma de fugir dos problemas vividos em seu espaço familiar. Durante a fase da adolescência, observa-se uma alteração de comportamento dentro do lar. Nesse sentido, a família, mais precisamente o seu pai, o trata com desdém. A partir dessas inquietudes do seu genitor, o adolescente passa a interagir com vários jovens na busca de vivenciar outras curiosidades e ser aceito pelos seus colegas de grupo.

De certa maneira, essa relação construída fora do seu espaço familiar faz com que Neto comece a ingerir bebidas alcoólicas, usar drogas e pichar paredes, entre outras coisas que desabona seu pai, Wilson (Othon Bastos), um homem bastante conservador e que em nenhum momento busca dialogar com seu filho para tentar compreender melhor a conturbada fase do jovem. Na trama, a personagem ainda passa por diversas situações intrigantes. Em uma dessas situações, o pai o leva a ter um relacionamento efêmero com uma moça mais madura.

Entretanto, o clímax da história ocorre quando o pai de Neto encontra em suas coisas um cigarro de maconha. Partindo dessa percepção e de outras travessuras que o filho vinha praticando em parceria com outros colegas, o pai não se conformava, interna-o em um manicômio, que por vez agia de maneira corrupta

para obter recurso que mantivesse a instituição funcionando às custas de pessoas tidas como viciada e doentes por fazer uso de drogas não lícitas. A partir desse momento, insere-se a crítica social, uma temática crucial presente no filme. Vale ressaltar que essas pessoas passam a viver uma nova realidade que traz à baila o abandono familiar, a exclusão social e a difícil inserção no mercado de trabalho. Portanto, no manicômio o jovem Neto é obrigado a se adaptar a uma vida sofrida que o leva ao desequilíbrio emocional. Com a ajuda da irmã, Neto consegue escapar de seus instintos perversos e medíocres que se dá pelo tratamento desumanizado dado pelos manicômios durante os anos 90.

Dessa maneira, Neto passa a lidar com várias formas de tratamento e é sujeito a vivenciar maus tratos, eletrochoque e outras formas de torturas, por isso fica bastante temeroso com o que possa acontecer com ele. No entanto, Neto tenta fugir da instituição – que deveria reabilitá-lo, mas isso não estava surtindo efeito algum. Pelo contrário, estava acabando mais e mais com a sua estrutura física e psicológica. Entretanto, sua tentativa foi frustrada. Após receber alta da primeira clínica, Neto é encaminhado para uma segunda clínica que pudesse reabilitá-lo, mas a realidade era semelhante a anterior, isto é, tratava os pacientes com atitudes desumanas. Assim sendo, essas instituições tinham o mesmo interesse, ou seja, manter aprisionando aquele jovem e tantos outros.

Dentro dessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo geral examinar as relações que envolvem família e o comportamento psicossocial da personagem Neto, interpretado por Rodrigo Santoro. Mediante esse contexto, a pesquisa tem como objetivos específicos: a) examinar o comportamento do personagem antes e depois da relação com os usuários de drogas e com a família; b) elencar medidas como a internação compulsória, o uso de sedativos e eletrochoque que são utilizados no processo de (des)construção identitária da personagem Neto, quanto ao controle de seus impulsos/emoções do dia a dia a partir da obra cinematográfica *Bicho de Sete Cabeças* (2001), de Laís Bodanzky; c) investigar os aspectos sociais, familiares e individuais que levam o personagem Neto a uma (des)construção identitária.

Para fundamentar esse estudo, nos apoiamos nos seguintes teóricos: Durkheim (1974), Fadiman, Frager (1986), Freud (1923; 2017), Foucault (1978), Hall (2014), Coll, Marchesi, Palácios (2004), Moscovici (2014), dentre outros. Com base nesse aporte teórico, refletimos sobre as nuances que constitui o sujeito e as

práticas institucionais que nos tem revelado várias semioses no que se refere ao tratamento psíquico dos indivíduos que são colocados à mercê do estado.

Este estudo elencou como *corpus* o filme *Bicho de Sete Cabeças* (2001), produção cinematográfica nacional, dirigida pela cineasta Laís Bodanzky, com roteiro de Luiz Bolognesi, com base no livro autobiográfico de Austregésilo Carrano, intitulado *Canto dos Malditos*. Assim, a proposta é fazer com que os temas elencados, tais como, drogas, família e comportamento psicossocial sejam compreendidos e refletidos nos ambientes em que se inserem os jovens. Destaca-se, preliminarmente, que uma das medidas para este posicionamento nos faz remeter ao princípio da ética profissional em relação ao ser humano, quando se defende inalienavelmente esse direito que o homem tem para humanizar-se.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA

Para os estudiosos sobre o desenvolvimento psíquico dos indivíduos no sentido de uma construção identitária, entende-se que esse conceito é um fenômeno psicológico bastante complexo de natureza psicossocial (Coll, Marchesi, Palácios, 2004. p. 340). Partindo de uma perspectiva pós-moderna, Hall (2014) destaca que:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim, a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 2014, p. 9).

Por outro viés, essas alusões vão diminuindo paulatinamente, sendo substituídas por características ligadas às crenças, filosofia de vida, bem como as expectativas de futuro. Diante disso, trazemos à tona os problemas abordados na obra cinematográfica *Bicho de Sete Cabeças* (2001), partindo do diálogo grotesco entre pai e filho.

Para melhor elucidar as mudanças que ocorrem na vida de Neto, personagem central do filme “*Bicho de sete cabeças*”, tomemos como referencial Durkheim (1898). Assim, podemos apontar as causas da carga psicológica que está envolta do referido personagem Neto, com foco nas representações coletivas ou individuais. Nesse sentido,

Se podemos dizer, em certo sentido, que as representações coletivas são exteriores às consciências individuais, é porque elas não derivam dos indivíduos tomados isoladamente, mas de seu concurso. O que é bem diferente. Sem dúvida, na elaboração do resultado comum, cada um tem a sua contribuição; mas os sentimentos privados se tornam sociais somente ao se combinar sob a ação de forças *sui generis* que a associação desenvolve; em consequência dessas combinações e das alterações mútuas que daí resultam, eles se tornam outra coisa (Durkheim, 2009. p. 39)

Para o referido autor, essa consciência coletiva está associada aos fatores externos que se formam a partir da interação que é dada entre os humanos. Já para a formação da consciência individual, esse fenômeno é moldado conforme as necessidades sociais, culturais, históricas, políticas. A abordagem proposta neste

trabalho, a princípio, será a busca por respostas que nos levem a compreensão da relação e práticas que advém de uma vivência em relação à liberdade de muitos adolescentes. Não se pode generalizar que os adolescentes são indivíduos doentes e que precisam tratar as suas mudanças com atitudes cruéis e desumanas, pois, durante muitos anos a psicologia tem buscado a partir de seus estudos respostas que venham sanar esses problemas seja eles total ou parcialmente.

Assim sendo, é importante compreender e dominar as descrições que conceituam de maneira subjacente às classificações das chamadas síndromes psicopatológicas para coadjuvar a sua racionalidade. Para tanto, essa fundamentação está fundada nos estudos realizados por Freud (1986) que buscou compreender a estrutura da psique humana. Assim, o referido autor estrutura a partir de suas observações com pacientes, a tríade estrutural da mente que é compreendida pelo *id*, *ego* e *superego*. Nessa estrutura, há contida uma herança inata no indivíduo. Por esse viés, pode-se afirmar que “o *id* pode ser associado a um rei cego cujo poder e autoridade são totais e cerceadores, mas que depende de outros para distribuir e usar de modo adequado o seu poder” (Freud, 1986, p. 11).

Por outro lado, esse aparelhamento psíquico está sempre em contato com o contexto real de cada sujeito. Então, considera-se que esse aparelho que se denomina de *ego* é responsável pela garantia da saúde, segurança e sanidade da mente. Nessa perspectiva, pode-se observar as variáveis funções que o sujeito tem em relação ao mundo exterior e interior. Nesse sentido,

[...] o *ego* tem sobre seu comando o movimento voluntário. Ele tem a tarefa de autorrepresentação. Com referência aos acontecimentos *externos* desempenha essa missão dando-se conta dos estímulos externos, armazenando experiências sobre elas (na memória), evitando estímulos excessivamente internos (mediante a fuga), (...) e, finalmente aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade) (Freud, 1986. p. 11).

Assim, diante dos fatos inerentes à constituição do sujeito, o *superego* para Freud (1986) está associado ao juízo de valor, pois é nele que contém os códigos morais, modelos de conduta e os construtos que inibirão a personalidade. Entretanto, essas atividades realizadas pelo *superego* têm como função restringir, proibir ou julgar toda e qualquer atividade de consciência. Segundo Freud (1986. p.

12), “o superego, emergido do ego, atua como um freio moral ou força contrária aos interesses práticos do ego”.

Ainda é importante frisar que para ampliar o estudo acerca da (des)construção identitária com base na obra filmica, evoca-se ainda, Freud, (1923) com a *Psicologia das Massas e Análise do “eu”*, que aborda as nuances neurológicas que marcam uma sistematização conceitual dos principais pilares teóricos já utilizados pela psicanálise até então – pulsão, recalque, inconsciente, sublimação, histeria de conversão, neurose obsessiva, neurose de transferência, luto, melancolia.

A psicologia individual está voltada para o ser humano em particular, que busca investigar os caminhos pelos quais pode obter a satisfação de seus impulsos. Na vida psíquica do indivíduo, o Outro é considerado via de regra enquanto espelho, objeto, auxiliador e adversário. Portanto, a psicologia individual é em sua primazia, desde o início, psicologia social, num sentido horizontal, mas inteiramente justificado.

Essas relações se dão de forma clara do indivíduo com seus membros familiares, com o objeto de seu amor, com o professor e/ou médico, isto é, todas as relações que até agora foram objeto privilegiado da pesquisa psicanalítica, por exemplo, podem reivindicar ser apreciadas como fenômenos sociais, que se pode colocar opostamente a outros processos nos quais a satisfação do instinto escapa à influência de outras pessoas ou podem ser renunciadas a elas.

É compreensível dizer que as alterações de comportamento do indivíduo é que fornece o material de estudo da psicologia das massas. Desse modo,

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa. A massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que por um instante se soldaram, exatamente como as células de um organismo formam, com a sua reunião, um ser novo que manifesta características bem diferentes daquelas possuídas por cada uma das células (*Le Bon apud Freud, 1923. p. 13*).

De acordo com o referido autor, não há uma resposta satisfatória, mas o indivíduo, pelo contrário, tem que lidar com a modificação nas massas e descrever de maneira homogênea o conceito da psicologia profunda. Diante disso, percebemos que o filme *Bicho de Sete Cabeças* (2001) conversa diretamente com a realidade vivida por muitos sujeitos, uma vez que apresenta a verossimilhança do retrato de uma sociedade que visa o lucro e, enquanto isso, as pessoas vivem na miséria social e psíquica. Também entre outros elementos, o filme nos mostra os elos fundados entre Neto e sua família, como também aqueles que são estabelecidos entre o paciente e a instituição de saúde mental.

Concomitantemente, tais pontos nos permitem correlacionar o material cinematográfico com teorias psicanalíticas que apontam problemas sobre as relações intersubjetivas que o sujeito da pós-modernidade tem lidado com frequência. Nessa perspectiva, o processo de construção da identidade por meio da interação psicossocial se faz necessária para que se compreendam as relações humanas em suas manifestações construtivas ou destrutivas.

2.1 A busca pela identidade e autoafirmação do “eu”

Sabe-se que ao longo dos anos, os sujeitos foram moldados por uma identidade que por muitas gerações não poderiam ser transgredidas. Por esse viés, é plausível ressaltar que nessa busca por uma autoafirmação da identidade, pode-se distinguir três concepções de sujeito: o do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno (Hall, 2014). Partindo dessa premissa, o indivíduo do Iluminismo era aquele que era o “centro” que se constituía num núcleo interior desde o seu nascimento e, dessa maneira, iria se desenvolvendo e permanecendo o mesmo – idêntico. Pode-se afirmar que o centro do “eu” era a identidade de uma pessoa, ou seja, essa concepção “individualista” do sujeito e de sua identidade não o possibilitava perceber as mudanças que a sociedade poderia alcançar durante séculos.

Os sujeitos sociológicos se diferenciam do anterior, porque refletem sobre a complexidade do mundo moderno e tenham a consciência de que esse núcleo interior do Iluminismo não era autônomo e nem tampouco autossuficiente. Mas tinha-se a concepção da formação dada na relação com o outro e mediavam os

valores, os sentidos e os símbolos e aí os sociólogos interacionistas são figuras-chave na elaboração de identidade “interativa” do “eu”.

Ainda de acordo com esse princípio, a identidade do sujeito é formada conforme a relação desse “eu” com a sociedade. Ademais, essas pessoas ainda têm seu núcleo ou essência interiorizada do “eu real”, mas é modificado numa relação dialógica existente dos mundos culturais, uma vez que esses indivíduos modernos emergiram em um momento peculiar (seu “nascimento”) e a partir dessa emergência cada um com sua história de vida podem mudar.

Entretanto, durante esse processo da formação do sujeito não existe mais uma identidade imutável, pois, o que acontece lá fora e dentro das estruturas estão em conformidade com as “identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora”” e que assegurava nossa conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais” (Hall, 2014. p. 11). Esse efeito produz o sujeito pós-moderno, que não apresenta uma identidade fixa, essencial e imutável como era tida para os Iluministas.

A identidade do sujeito é formada e transformada continuamente no que tange a relação dada às formas pelas quais somos levados a representarmos. Antes tínhamos a concepção de que nenhum ser estava sujeito, portanto, a mudanças fundamentais. O *status*, a classificação e a posição que se ocupava na hierarquia de “cadeia do ser”, nessa ótica pensava-se que a secularidade e a divindade das coisas fossem predominantes sobre qualquer sentimento. Então, temos que observar um fator importante nessa concepção de “indivíduo soberano” que está acima de tudo, principalmente na época do humanismo renascentista do século XVI bem como o Iluminismo do século XVIII, que representou uma enorme ruptura desses costumes passados.

O “descentramento” no pensar ocidental, mais precisamente no século XX, vem justamente da “descoberta” do inconsciente por Freud. Por esse viés, temos a convicção de que Freud (1986) afirma que nossas identidades, nossa sexualidade assim como a estrutura de nossos impulsos são formados a partir de processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona diferentemente da “lógica” racional. Essa concepção freudiana traz por terra a concepção de Descartes em que o sujeito tem identidade fixa e unificada, isto é, o “penso, logo existo”. Assim que o

pensamento de Freud no contexto de (des)construção da identidade do sujeito tem sido bastante presente nas últimas décadas.

Em consequência disso, a leitura que pensadores psicanalíticos fazem acerca de Freud, como Jacques Lacan, é que a autoafirmação do “eu” como “inteiro” é algo gradativo porque as crianças *aprendem* de forma parcialmente e com certa dificuldade. Esse processo não é desenvolvido naturalmente a partir do seu núcleo, sua identidade é processada em relação com o outro e com o meio que se insere. Por esse motivo, podemos afirmar que o seio familiar é a porta principal para que um adolescente entenda as mudanças que estão ocorrendo em sua faixa etária e, nesse contexto, o diálogo no interior da família, a interação com amigos, são fundamentais nessa (des)construção e formação identitária.

2.2 O conceito de identidade na Pós-modernidade

Quando se pensa em identidade, podemos dizer que essa é uma discussão bastante pertinente para os dias de hoje. Na teoria social, essa temática é analisada porque há de se questionar que as velhas identidades já fogem de seu contexto, haja vista que o mundo está em uma transformação que descentraliza essa concepção de paradigmas que deve ser imutável. Observa-se, que durante muito tempo, essas identidades eram invioláveis, mas, hoje em dia há uma desestabilidade declinante que fomenta a fragmentação do indivíduo moderno. Assim, chama-se essas mudanças de “crise identitária”. Partindo desse princípio, nesse tópico analisar-se-á se existe essa crise da identidade do sujeito na pós-modernidade tardia ou se existem outros caminhos que levam o indivíduo a uma fragmentação. Para Hall (2014), essa abordagem reflete em um comportamento que surgiu ao longo dos anos e, por essa razão, é complexo para a sociologia afirmar com precisão o conceito de identidade.

Para Hall (2020), durante o século XX, essas mudanças de estruturas transformaram as comunidades modernas, bem como, a “descentração” das classes tanto de gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Desse modo, observa-se que a identidade está associada ao caráter da modernidade tardia que tem como roupagem a “globalização” que impacta sobre essa identidade cultural.

As sociedades “tradicionais” e “modernas” diferem simultaneamente uma da outra. Por essa razão, é que, para o nascimento e morte do sujeito moderno, alguns

teóricos afirmam que é preciso rever essa concepção, haja vista que essas transformações que são ligadas à modernidade tornaram os indivíduos mais libertos. Então, vale enfatizar que o nascimento desse “indivíduo que detém o domínio” no período do Humanismo Renascentista do século XVI bem como do Iluminismo do século XVIII, representara uma desagregação com a antiguidade.

Segundo Hall (2014), o homem do humanismo renascentista era o sujeito egocêntrico, aquele que detinha as habilidades de conferir as revoluções, a inquirição e o deciframento dos mistérios naturais. Já o sujeito do Iluminismo, centrava-se na racionalidade, liberdade de qualquer dogma que o prendesse ao tempo. Com base nessa concepção, pode-se dizer que o homem moderno nasce a partir da dúvida. Descartes em seus escritos postulou duas composições; a primeira faz elo ao espacial (matéria), a segunda está associada ao pensante. Concomitantemente, as coisas devem ser explicadas por uma redução dos elementos, enquanto que a mente se responsabilizava por constituir o sujeito único capaz de pensar e raciocinar como tal; na expressão latina “*Cogito ego sum*”, “Penso, logo existo”.

No que se refere à identidade moderna, a partir do nascimento do indivíduo, podemos dizer que nenhum ser é esse sujeito centrado. Hall (2014, p. 38), nos afirma que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Nesse processo de descentramento do sujeito, temos um outro processo que constitui a identidade na pós-modernidade. Então, esse novo modo de pensar o mundo que tem trazido muitas indagações. Em suma, compreendemos que todas essas formas de constituir uma identidade vai muito mais além, isso porque existe um processo que está ligado ao ser desde sua chegada a essa cultura nacional, local e transcende a compreensão de que o sujeito não é responsável pela sua própria mudança, pela sua nova identidade, tendo em vista que ela (a identidade) é modificada a partir da interação dada com outras comunidades.

2.3 A figura patriarcal no desenvolvimento psicossocial

No que se refere à figura do pai, é preciso que haja na família respeito, compreensão e acima de tudo: diálogo. Assim sendo, um adolescente cresce com o sentimento de pertença e se sente acolhido, reconhecido pelos outros. Esses são

pré-requisitos para se manter e formar vínculos sociais, podendo levar a uma aceitação, atenção e viver o suporte emocional. De antemão, se faz necessário que o pai seja o sujeito que reflita suas atitudes em relação aos filhos e não aquele sujeito que só leva descontentamento as suas vidas. É importante para o desenvolvimento cognitivo e social dos adolescentes que o pai participe da vida e/ou processo de maturação, de identificação e aceitação de suas mudanças que acompanham essa fase do crescimento de cada indivíduo.

Por outro viés, é interessante que o pai não seja uma pessoa ríspida, conservadora, mas sim compreensível, respeitador e acolhedor, haja vista que durante as fases de crescimento cada um dos seres passa por inúmeras situações, desajustes e, na sua maioria, o isolamento. Não há de se concordar que os adolescentes nesse contexto sejam pessoas problemáticas, descentradas, pelo contrário, às vezes podem adquirir patologias como a CID-Fs (Classificação Internacional de Doenças para Transtornos mentais e comportamentais) devido à influência do papel que é exercido pelo pai.

Conforme Coll, Marchesi, Palácios (2004. p. 261), “[...] desde muito cedo, as crianças expressam e associam determinadas situações com emoções básicas, como a alegria, e o aborrecimento [...]”, porém, a interação desses adolescentes com o mundo exterior vai muito mais além quando não são compreendidas dentro de seus respectivos espaços familiares, pois é lá fora que vão de encontro com diversas situações que são novidades em suas vidas e pelo fato de estarem em outra fase da vida, tudo isso acaba gerando satisfação ou insatisfação. Nesse sentido, tem-se que ter o máximo de cuidado com cada fase que se dá início na vida desses sujeitos, porque no final da infância e da adolescência cada um lida com situações contraditórias que devem ser controladas emocionalmente, pois daí por diante enfrentar-se-á as questões de ambivalência que precisam da autorregulação emocional. Diante disso, no longa-metragem “*Bicho de sete cabeças*” se observa que em determinada cena um interno que aparentemente já está há mais tempo naquele espaço psiquiátrico representa a dimensão simbólica da figura paterna ao entregar ao jovem desprotegido Neto uma touca e diz: ‘é preciso fingir, quem é que não finge...’ (*Bicho de Sete Cabeças*, 2001).

Portanto, no contexto social de cada jovem, nota-se que muitos buscam esse fingimento para se safarem de certas situações que, muitas das vezes, os levam a um estado de isolamento. Assim, é importante a presença do pai na relação

com os filhos para evitar uma descarga exagerada de experiências acumuladas ao longo de sua vida. Nesse sentido, é comum se ter um grande número de adolescentes com sintomas de ansiedade e depressão, isso pode ocorrer porque na busca dessa autoafirmação de seus desejos a figura do pai é ausente ou nunca soube lidar com o estado emocional de seus filhos.

3 A (DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA ADOLESCÊNCIA EM “BICHO DE SETE CABEÇAS”

3.1 A relação complexa entre pai e filho na adolescência

Coll, Marchesi, Palácios (2004) nos apresentam a teoria do Desenvolvimento Psicológico com subtema da Psicologia Evolutiva, que tem como norte trabalhar o desenvolvimento do indivíduo em todas as etapas da vida, da gestação até a velhice. De acordo com os referidos autores, “é preciso considerar que a adolescência é um período de exploração no qual os adolescentes necessitam ter experiências diversas que irão ajudá-los a construir sua identidade” Coll, Marchesi, Palácios (2004, p. 354). Vale ressaltar que os jovens não estão usufruindo dessa liberdade identitária por considerar uma fase de riscos, isso os levam a um grau de desmotivação dentro do seu *habitat*. Acredita-se que esse contexto tem trazido vários questionamentos para muitos especialistas nos assuntos de transversalidade entre a relação pai-filho. Nessas relações, comumente, há um certo embate no que tange a liberdade individual e coletiva dos adolescentes.

Para esclarecer essa relação entre pai e filho na obra “*Bicho de sete cabeças*”, tomamos como referência o psicólogo social Moscovici (2014), que se opõe ao sociólogo Durkheim e que traz à baila a Teoria das Representações Sociais (TRS), que estuda essa coletividade das pessoas a partir de seus relatos e vivências adquiridas no coletivo com outros sujeitos. Nesse sentido, pode-se entender que:

As manifestações mais importantes da vida coletiva como as representações, crenças, as práticas religiosas, as regras morais, as regulamentações legais, têm um caráter obrigatório, o que prova que estas formas de pensar e agir não são obras de um indivíduo, mas emanam de um “poder moral” que os ultrapassa (Moscovici, 2014, p. 526).

Logo, é de grande importância que o comportamento individual do adolescente protagonista Neto é uma alteração advinda de maneira precoce porque seu pai não o deixa está em seu espaço/lugar, mas ele mesmo é quem dar/determina um lugar que jamais seria desejado pelo filho. Contudo, a personagem Neto tem seu lugar de sujeito, haja vista que passa a assumir a narrativa. Em determinada cena, um interno, que aparentemente já está há mais

tempo naquele espaço psiquiátrico representa a dimensão simbólica da figura paternal ao entregar ao jovem desprotegido uma touca e dizer para Neto que proteja seus pensamentos que vem em forma de *feedback* (alucinações com a voz do pai). Destarte, no que se refere às relações coletivas, vale evidenciar que “o grupo de amigos será um contexto fundamental para o desenvolvimento dos adolescentes” (Dunphy, *et al*, 2004). Isso representa para o jovem Neto um sentimento de igualdade diante de seu semelhante, permitindo que haja uma interação de acordo com a diversidade do grupo ou turma. Essa interação acontece principalmente nos fins de semana ou férias.

Com isso, notamos que na trajetória de Neto a relação familiar é efêmera e por essa razão, o jovem encontra afago nos grupos que fazem parte do seu dia a dia. No entanto, cria-se uma espécie de barreira que bloqueia uma abertura para o diálogo entre os membros da família. Ainda imbuído nessa narrativa, temos a percepção de que a exclusão do indivíduo nos leva a observar um comportamento que para a sociedade não é aceitável, bem como os efeitos nefastos na vida desse adolescente. Com base nisso, ao observarmos que Neto deseja “curtir” um “rolê” com seus amigos, é proibido pelo seu genitor e, a partir daí, inicia-se um diálogo áspero entre os dois. Nesse momento, o pai indaga-o:

[...] mas você vai me pedir dinheiro para viajar (...) o quer que você é agora; bandido, traficante, está explorando alguém? Vamos, responda, como é que você vai viajar sem dinheiro, vamos, diga! – isso é problema meu (...), é problema meu também, quero saber onde você está, com quem está andando, e olhe pra mim quando eu falar, o que é isso aí? Isso é coisa de “viado” [...] (Bicho de Sete cabeças, 2001).

No que tange a essa conversa entre ambos, o pai de Neto age de maneira sagaz e passa a questioná-lo de forma insistente para onde ele pretende ir sem ter dinheiro. Para Neto, o seu desejo era de estar com seus amigos e vivenciar cada momento que era proporcionado pelos colegas. Entretanto, para seu pai esses momentos que seu filho tinha no dia a dia não lhe interessava. O que importava era um outro modo de vida que correspondesse às regras de uma família tradicional. Assim sendo, nessa conversa, os ânimos ficam alterados, inclusive quando o pai percebe que seu filho está usando *piercing* na orelha. Nesse momento, o pai avança e puxa a orelha de Neto e, em seguida, sofre um empurrão do próprio filho que sai

com destino ignorado devido à pressão que sofre do seu pai no dia a dia. Neto era sufocado, punido e controlado o tempo todo.

Durante o filme, observa-se que há uma projeção do pai no filho, ou seja, o pai quer que seu filho seja a continuação dele, assista jogos, aja como ele próprio e assim por diante. Dessa forma, ao analisar o comportamento de Neto, pergunta-se: Neto tinha psicose, transtorno mental? Logo, diríamos que não. O adolescente apresentava um comportamento comum para a adolescência. Porém, seu pai surta quando pega um cigarro de maconha na sala. Por outro lado, o mecanismo de defesa é uma internacionalização do exterior absorvida pelo indivíduo como por exemplo, as regras que são impostas pelo pai devem ser observadas sem que não haja uma liberdade, uma individualidade nessa construção da personalidade, com isso, os valores, as críticas, as opiniões desaparecem.

Conquanto, o pai do protagonista observa que a conduta de Neto não atendia os padrões morais que a sociedade ditava, principalmente no período em que o regime militar no Brasil predominava. Partindo dessa realidade, pode-se perceber que a partir do momento em que o filho chega em casa bastante tarde, o pai inquieto está à sua espera e diz “Neto chegou atrasado, todo dia é a mesma coisa, isso aqui não é hotel, não é a casa da mãe Chica, você tem que respeitar sua mãe. Que negócio é esse? Não, não, leve suas coisas lá pra dentro” (Bicho de Sete Cabeças, 2001). Nesse instante, o pai encontra no chão um cigarro de maconha que cai do casaco do filho. Então, o pai fica estarecido e logo vai ao seu encontro e convida-o a fazer uma visita a um amigo que se encontrava internado no lugar que ia interná-lo. Não obstante, o Sr. Wilson utiliza como justificativa para internar Neto o fato de “parecer um viciado”. Com essa ideia, podemos perceber que:

No filme, o personagem perde sua “vida” e sua “saúde”, é internado compulsoriamente, sofreu maus tratos inimagináveis, e sequelas inesquecíveis por algo que poderia ter sido resolvido de outra forma que não uma internação em uma instituição que já se mostrou, ao longo da história e em várias partes do mundo, que não primavam por tratamentos humanizados. Ser tratado como louco erroneamente e considerando que ainda hoje essa palavra é um estigma carregada de preconceito e dor psíquica, é um prejuízo incalculável para a saúde física e mental de qualquer pessoa. (Barbosa, 2020, p. 2).

Desse modo, vale ressaltar que em nenhum momento se fez qualquer tipo de diagnóstico psicopatológico desses desajustes de comportamento do paciente

Neto. Daquela hora em diante, não importava o sentimento do protagonista. Por mais desagradável que seus atos fossem para a sociedade, além ou aquém do que se esperava e desejava, tais atitudes eram comuns à maioria dos adolescentes.

Desse modo, Barbosa (2020) faz uma denúncia das falhas desse diagnóstico, tratamentos, torturas e crimes dos quais Neto fora vítima pelos médicos psiquiatras. O protagonista ficou a espera de voltar a viver sua rotina sem que fosse proibido de estar com seus amigos e pudesse ter um olhar crítico e liberdade para refletir sobre o que é bom ou ruim. Aliás, de acordo com o referido autor, pode-se constatar com bastante visibilidade a ineficiência desses locais e os possíveis tratamentos. Assim sendo, pode-se dizer que foi a partir dessa reflexão ecoada pela personagem que a reforma psiquiátrica ganhou novos rumos. Mas não podemos dizer categoricamente que nos dias atuais essa reforma almejou com plenitude seus objetivos, no entanto, observamos um amplo acréscimo de Centros de Atenção Psicossocial-CAP's, núcleos que tem o objetivo de atender pessoas com CID-Fs, assim como é proposto pelo filme.

No ensejo, a Lei 10.216, de 6 de abril de 2001, “dispõem sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona ao modelo assistencial em saúde mental”. Ainda com fulcro nesse dispositivo legal, em seu Parágrafo Único, incisos II, IV, V; tem-se atribuições que trata dessa humanização e inserção no trabalho, na comunidade e o acesso a médicos sempre que precisarem.

Com essa reforma, os indivíduos objetivamente ansiavam pela libertação, no sentido de que os métodos de tratamento possibilitassem uma vida mais livre e interativa com os demais. Antes, porém, esses sujeitos eram encarcerados e tiveram que ser excluídos do seu contexto social. Segundo dados de 2020 do Ministério da Saúde, o SUS (Sistema Único de Saúde) tem-se 2.661 CAPs em todo o país. Ao contrário do que se postulava em relação ao tratamento das pessoas com sofrimento ou transtornos mentais, esses dados tem-se mostrado bastante positivo em relação ao tratamento. Esses centros têm trabalhado em diferentes modalidades: oferta-se, no entanto, serviços de natureza aberta e inserção comunitária. Para isso, os centros contam com equipe multiprofissional e tem atuado sob a ótica da interdisciplinaridade. De maneira prioritária, os atendimentos são destinados às pessoas que apresentam algum tipo de sofrimento ou transtorno mental, principalmente àquelas que decorrentes do uso abusivo de álcool e também de

outras drogas, seja em situações de crise, seja em processos de reabilitação psicossocial.

3.2 Uma abordagem acerca da loucura na obra “*Bicho de sete cabeças*”

Michel Foucault, em sua obra *História da loucura* (1978), aborda temas de grande relevância para o mundo ocidental no final da Idade Média. Segundo o autor, durante esse período várias doenças foram diagnosticadas pelo mundo todo, dentre elas, a loucura. No final da Idade Média, o mundo vivia um caos devido a um grande mal, a lepra, que levou muitos sujeitos à exclusão, uma vez que não eram permitidos que vivessem em contato com as pessoas sãs. Diante disso, a Igreja era uma das instituições que cuidava desses doentes, dando-lhes a bênção de cura, como podemos certificar abaixo:

Por isso, tem paciência com tua doença, pois o Senhor não te despreza por tua doença, e não se separa de tua companhia; mas se tiveres paciência serás salvo, como o foi o lazarento que morreu diante da casa do novo-rico e foi levado diretamente ao paraíso (Foucault, 1978, p. 10)

Assim sendo, a certeza de que esse mal que atormentou a comunidade deixou de ser um espanto. Com o tratamento dado a esses leprosos, tem-se um bom resultado e a doença desaparece do mundo ocidental. No século XV, em vez da lepra, temos as doenças venéreas, que passam a ter pacientes ocupando os grandes hospitais, que ficaram vazios por muitos anos. Logo, esses doentes se tornaram tão numerosos que os leprosos tinham medo dessa segunda lepra, como era considerada no mundo ocidental. Com o desaparecimento das duas lepras, surge um novo fenômeno que é a loucura. Dessa maneira, considera-se que tal doença é um espantalho, que traga reações de divisão, exclusão e outros meios de tratamento. Comprova-se que antes que a loucura fosse dominada, em seu favor, estavam ligados outros ritos que obstinadamente estavam associados à experiências da Renascença.

Foucault (1978) ao abordar a questão da loucura no mundo ocidental afirma que:

Antes de mais nada, toda uma literatura de contos e moralidades. Sua origem, sem dúvida, é bem remota. Mas ao final da Idade Média, ela

assume uma superfície considerável: longa série de "loucuras" que, estigmatizando como no passado vícios e defeitos, aproximam-nos todos não mais do orgulho, não mais da falta de caridade, não mais do esquecimento das virtudes cristãs, mas de uma espécie de grande desatino pelo qual, ao certo, ninguém é exatamente culpável, mas que arrasta a todos numa complacência secreta (Foucault, 1978, p. 18)

Nessa perspectiva, no final da Idade Média, as pessoas acometidas por qualquer distúrbio foram tratadas como serem inexistentes e eram "exiladas" em grandes hospitais. Assim sendo, fazendo uma analogia entre a *História da loucura* e o filme *Bicho de Sete Cabeças*, podemos verificar que essa fora uma realidade vivida por Neto, no que tange a CID-Fs. Por outro lado, "a loucura atrai, mas não fascina. Ela governa tudo o que há de fácil, de alegre, de ligeiro no mundo" (Foucault, 1978, p. 29). Nesse sentido, o filme aborda o estágio de loucura atribuída ao personagem Neto porque apresentava comportamento avesso das normas morais defendidas pela família, que tinha como papel central educar os filhos com base na castração, no controle. Por esse viés, dizemos que "a loucura só existe em cada homem, porque é o homem que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que se alimenta" (Foucault, 1978, p. 30). Diante dessa afirmação, percebemos que é o homem que constrói seu estado de loucura, haja vista que traz consigo uma bagagem de ilusões que atormenta seu viver. O pai de Neto afirma que o próprio filho é um doente mental. Ao contrário, não há como sua mãe defendê-lo. Sabe-se que em uma relação familiar, os filhos apresentam comportamentos conforme sua faixa etária. Em suma, destacamos que:

A loucura torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. Cada uma é a medida da outra, e nesse movimento de referência recíproca elas se recusam, mas uma fundamenta a outra (Foucault, 1978, p. 35).

Portanto, a loucura pode até ser um estado de angústia, insegurança e de ilusões alimentadas pelo sujeito. Conquanto, dentro da perspectiva foucaultiana, a lepra, as doenças venéreas e a própria loucura foram heranças alternadas ao longo dos séculos. Durante muito tempo, custou-se muito para dominar loucura e razão, ambas são equilibráveis aos olhos da humanidade.

3.3 O desenvolvimento psicossocial do personagem Neto

Ainda, tomemos como norte estes dois teóricos da psicanálise Fadiman, Frager (1986), que abordarão as teorias da personalidade; Freud (2017), com a psicanálise e os estudos Psicologia das Massas e Análise do eu. No ensejo, Fadiman e Frager traz uma discussão sobre as teorias que alavanca a construção da personalidade dos indivíduos, bem como a caracterização dada a partir dessa persona de cada sujeito. Ademais, essa fundamentação está respaldada nos estudos de Freud que ao longo de suas investigações buscou compreender a estrutura da psique humana. Assim, ele estrutura a tríade da personalidade a partir de observações com pacientes, que por sua vez é compreendida pelo *Id*, *Ego* e *Superego*. Na primeira estrutura da persona, há contida uma herança nata no indivíduo acima de qualquer outra natureza.

Por esse viés, Freud diz que “o id pode ser comparado a um rei cego cujo poder e autoridade são totais e cerceadores, mas que depende de outros para distribuir e usar de modo adequado o seu poder” (Freud, 1986, p. 11). Por outro lado, esse aparelhamento psíquico está sempre em contato com o contexto real de cada sujeito. Considera-se que esse aparelho que é denominado de *Ego* é responsável pela garantia da saúde, segurança e sanidade da mente. Nessa perspectiva, pode-se observar as variáveis funções que o sujeito tem em relação ao mundo exterior e interior. Assim, pode-se dizer que diante dos fatos inerentes a constituição do sujeito, o *Superego* para Freud está associado ao juízo de valor, pois é nele que contém os códigos morais, modelo de conduta e dos construtos que inibirão a personalidade. Essas atividades realizadas pelo superego é um ato de consciência, mas também de inconsciência, que tem o papel de restringir, proibir, punir ou julgar toda e qualquer atividade de consciência. “O superego, emergido do ego, atua como um freio moral ou força contrária aos interesses práticos do ego” (Freud, 1986, p. 12).

Com base na obra cinematográfica “*Bicho de sete cabeças*”, evoca-se ainda Freud (1923) com a Psicologia das massas e análise do eu, que aborda as nuances neurológicas. Nesse sentido, esses escritos marcaram uma sistematização conceitual dos principais pilares teóricos já utilizados pela psicanálise até então – pulsão, recalque, inconsciente, luto e melancolia. Essa coletânea de definições psicanalítica é chamada de metapsicologia.

As pulsões ou instintos são pressões que norteiam um organismo para fins peculiares. É de se pensar que o uso desse termo por Freud não faz referência aos padrões de comportamento herdados de outras espécies inferiores, mas seus equivalentes nas pessoas. Os instintos ou pulsões são as forças propulsoras que instiga e conduzem as pessoas à ação. Com efeito, quando atentamos para o que dizem os estudos em relação à psicologia individual e a psicologia social ou das massas, podem parecer muito significativas, tendo em vista que a psicologia individual está voltada para o ser humano em particular. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é considerado via de regra enquanto espelho, objeto, auxiliador e adversário. Portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido horizontal, mas inteiramente justificado.

Nesse contexto, as relações familiares que se podem colocar opostamente a outros processos, nos quais a satisfação dos instintos escapa a influência de outras pessoas, foram objetos privilegiados da pesquisa psicanalítica. É compreensível dizer que as alterações de comportamento do indivíduo fornece o material de estudo da psicologia das massas. Para Freud, essa massa está associada a uma organização que é almejada pela a libido, o eros, o “tesão”, ou seja, as massas se organizam para lançar algo desejado (o amor, o ódio). Quando nos deparamos com situações não ensejadoras, como por exemplo, se nos sentimos inferiores a alguma coisa, isso significa que estamos sofrendo por sermos recalcados.

Então, na psicologia das massas, segundo Freud (1921), alguns indivíduos são perversos, mas de maneira alguma podem externar esse sentimento. Nota-se que esse “super eu” é o “eu” projetado pela pessoa. No filme *Bicho de Sete Cabeças* (2001), fica evidenciado essa projeção que o pai de Neto faz, pois ele quer que o filho lhe represente tal e qual. O fato de contrariar aquilo que era desejado, fez com que o pai o internasse em um manicômio. A partir daí entra a crítica social principal temática do filme, que se dá pelo tratamento desumano dos manicômios durante a década de 90. Neto passa a tomar vários medicamentos e é sujeito a maus tratos, a ponto de tentar fugir da instituição – que ao invés de reabilitá-lo estava acabando mais ainda com o mesmo tanto fisicamente como mentalmente.

Em certo momento do filme, Neto ainda vai para uma segunda clínica de reabilitação, encontrando a mesma situação ou talvez pior do que na outra. Nessa última clínica, ele tenta o suicídio. No fim do filme, Sr. Wilson lê um bilhete entregue pelo próprio filho. No momento da entrega, Neto acende um cigarro e coloca junto o

bilhete na mão do seu pai. Nesse contexto, temos o que Freud chama de recalque, isto é, certas situações leva o indivíduo a reter o amor ou o ódio por aquilo que lhe tenha causado traumas. No bilhete, Neto culpabiliza seu pai por ele ter chegado ao fundo do poço. Só dessa forma que o pai ouviu a voz apagada de seu filho, conforme pode ser constatado no trecho a seguir:

Pai, as coisas ficam muito boas quando a gente esquece, mas eu não esqueci o que você fez comigo, eu não esqueci sua covardia. Agora você vai me ouvir. Estou te mostrando a porta da rua pra você sair sem eu te bater (Bicho de Sete Cabeças, 2001).

Diante do exposto, percebemos que o filme apresenta a vida de Neto, um adolescente que vive em um bairro periférico de São Paulo que divide seu tempo descontraindo a vida no *skate*, rodas de amigos, rotina bastante acentuada em virtude da pressão sofrida em casa pelo pai que projeta sua imagem à do filho e que a qualquer custo tenta manipular o jovem com um discurso rancoroso, que também deixa a sua mãe recuada.

De início, é possível identificar nas primeiras cenas, o dia a dia austero do pai em relação ao filho, bem na hora em que ele comunica que viajará com os amigos. Então, o pai enrijece o discurso e diz que ele não tem para onde ir porque depende dele, isto é, que só faria a viagem se ele desse dinheiro, mas a partir daquele momento ele decide sair e ir. Naquele instante, o pai fica eufórico, transtornado quando ele vê um *piercing* na orelha do filho e questiona se ele está usando “coisas de viado”, traficando.

Conforme os preceitos da psicanálise, tal cena permite compreender a postura do Sr. Wilson, o pai. As agressividades, bem como os ataques verbais ao filho, abrem portas que viabiliza conectar sua conduta às mais diversas características dessa posição: a incapacidade de reconhecimento do bem e do mal e o direcionamento da força oriunda dos impulsos destrutivos para o exterior. A posição assumida pelo pai é definida por um modo primitivo de interação. Nela, há a experiência emocional da impregnação pelo objeto bom ou pelo mau, isto é, quando há relação com esse determinado objeto que parte dessa posição, tal objeto parece-lhe de maneira plena sendo bom ou plenamente sendo mal.

Para tanto, o mecanismo de funcionamento dessa postura é a cisão ou a clivagem, onde esse objeto é dividido em sua faceta boa ou má. Não se pode

embargar que a relação do sujeito com os objetos que lida está marcada pela sensação de controle onipotente, hora ele destrói, adora ou inveja. Vale ressaltar que o filme em nenhum momento faz alusão às experiências vividas pelo senhor Wilson em sua infância e no decurso de sua vida de adulto, salvo as grosserias travadas pelo pai em detrimento ao comportamento do filho.

Um fator importante para ilustrar esse problema é notório na cena durante a primeira visita do pai ao filho no manicômio. Bravo pela insistência do filho em querer sair daquela situação, o pai ignora-o, resiste na certeza de que aquela é a melhor ação que pode fazer para seu “bem”. Então, nesse momento a mãe quebra o silêncio quando ouve o clamor amargurado de Neto. Naquele momento, ela intervém dizendo: “pelo amor de Deus, chega de briga, eu não aguento mais”, uma fala medrosa, destoante e oprimida. Durante o filme, percebe-se que o posicionamento da mãe vem de encontro à posição do pai, pois esse tipo de comportamento está associado a uma aparente integração do ego, aqui se analisa a relação sem que o outro seja destruído. É nesse interposto que se exhibe defesas relativas à perda do objeto possivelmente em decorrência dos ataques realizados na posição anterior. Por outro lado, do ponto de vista da personagem protagonista, percebe-se a alternância entre as posições.

Quando o pai discute de maneira grosseira com o filho por conta de sua viagem e pelo fato de estar usando um *piercing*, não é sensível ao ponto de encarar o problema e tentar resolver pacificamente. Nesse sentido o adolescente prefere sair de casa como alternativa de fuga. Essa atitude tomada pelo filho revela o sufoco vivido por ele próprio nessa fase que deveria ser de compreensão e diálogo. É sabido que na fase da adolescência os jovens experimentam um pouco de tudo, pois faz parte do processo de maturação e decisões no dia a dia. Para tanto, uma outra cena que ilustra essa decisão está atrelada a uma farra com banho de piscina e, naquele instante Neto é “convidado” a usar entorpecente e viver experiências homossexuais. Então, ele discerne sobre a capacidade de distinguir reação e não-reação, ou seja, tomar ou não uma atitude.

Em suma, a apresentação da alternância da posição depressiva para a esquizoparanóide pode ser decodificada com notoriedade, principalmente nas cenas em que Neto se encontra no manicômio. Lá, a violência dos enfermeiros é animalizada, se faz uso de todos os meios brutais que disponibiliza aquela unidade psiquiátrica para subjugar os pacientes, como exemplo, o uso exagerado de

sedativos, camisa de força, solitária e eletrochoque numa perspectiva de invalidar e silenciar os discursos desses pacientes, elementos esses que são cruciais para a alteração de posição. Momento em que seu ego “esvazia-se”, ou seja, não está integrado, limitando-o sua capacidade de suportar a sua angústia, adentrando, assim, num processo de cisão do ego (mecanismo de funcionamento e defesa dessa posição).

Uma cena bastante curiosa é quando as personagens no seu estado de (des)construção identitária atea fogo em seringas, em medicamentos como forma de se livrar da tortura. Isso acontece porque Neto não consegue discernir sobre o certo e o errado, pois essa atitude caracteriza uma tentativa de destruir o que lhe causa/traz sofrimento, explicitamente temos uma posição esquizoparanóide pelo fato de estar vivendo entre muralhas da perversidade. Outro fator que determina a crueldade está associado com o comportamento dos enfermeiros do hospital. Por outro lado, não se pode desconsiderar a corrupção existente propagada pelo diretor da unidade manicomial, pois a história e as vivências empíricas de cada sujeito não são respeitadas, bem como a dinâmica da enfermagem com rotinas voltadas para assepsia, com as atribuições específicas para cada função acentuando assim um distanciamento desses profissionais entre os pacientes.

O contato cotidiano com o sofrimento, com os corpos mutilados, com a morte, seja social, seja psíquica, mobiliza as ansiedades primárias do ser humano. Nessa gama de informações, é importante dizer que todo retrocesso psíquico que o personagem Neto lida não foi adquirido pelo mudo externo, muito embora isso possa corroborar em algumas situações. A entrada para essas alterações comportamentais é herdada pelas práticas indolentes de seu pai. Sabe-se que na adolescência, parte dos sujeitos vivem dilemas que são peculiares a cada manifestação, inclusive para enfrentar certas barreiras que os impedem, muitas das vezes, viver o “novo”. Então, é perigoso afirmar que seus comportamentos são moldados a hábitos alheios ao seu convívio.

Portanto, a (des)construção identitária de Neto não é condizente com os princípios morais que foram frutos de muito silêncio nos séculos passados e que ainda estão presentes de maneira mais branda. A identidade de Neto, possivelmente, foi alterada desde que seu pai começou a confrontá-lo de maneira ferrenha para privá-lo de viver as suas transformações. Neto buscava viver de maneira intensa sua fase em liberdade, não vivendo as agruras experienciadas em

seu lar. Por essa questão, ele interagiu com os adolescentes que possivelmente não foram tratados como loucos. Nos grupos de amigos, ele recebia o tratamento que não tinha em casa, apoio esse que dosado com o uso da *cannabis* lhe trazia a sensação de bem-estar. Partindo dessa realidade, temos que nos reportar a Moscovici (2014), que nos impulsiona a uma reflexão sobre as mudanças que os grupos sociais estão sujeitos. Isso porque a massa vive em constante modificação, inclusive no mundo pós-moderno, em que as pessoas são mais descentradas e a cada dia surgem inúmeras possibilidades de buscar o desconhecido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao término deste trabalho, considera-se a possibilidade de compreensão da (des)construção identitária do personagem Neto, interpretado por Rodrigo Santoro, no filme *Bicho de Sete Cabeças* (2001). Assim, ponderamos que este trabalho apresenta alguns pontos que serviram de base para o estudo que se deu a partir do *corpus* selecionado. Ademais, a presente pesquisa apresenta lacunas que futuramente devem ser preenchidas com outros olhares acerca do tema e do objeto de estudo proposto. No ensejo, consideramos que os objetivos elencados para que se concretizasse este trabalho foram alcançados de maneira elucidativa, assim como a problematização que delineou foram exitosas e contemplativas. No entanto, as vias de entendimento não foram esgotadas.

Este trabalho seguiu a linha de análise a partir cultura, cinema e memória, objetivando buscar por meio do *corpus* uma reflexão sobre a identidade do personagem Neto, que refletiu na sociedade brasileira, tendo em vista que após uma série de debates sobre o sistema psiquiátrico, o autor do livro *Canto dos Malditos* que inspirou o filme *Bicho de Sete Cabeças* de Lais Bodansky, trata de uma problemática social pouco vista antes.

No que tange ao objeto de análise, percebemos que o filme “*Bicho de sete cabeças*” tem como objetivo alertar o sistema de políticas para o descaso no tratamento de doenças mentais, pois o próprio autor denuncia as formas de tratamentos nos hospitais psiquiátricos. Além disso, outros temas são abordados como a relação familiar, institucional e política. Mas, é preciso ter a clareza de que a complexidade abordada no filme vai muito mais além do que esses pontos elencados, haja vista que o presente estudo não faz alusão ao filme na íntegra, e sim, tem-se recortes para a análise de dados. Partindo desse esboço, tentamos analisar o comportamento psicossocial nas relações, compreender o processo de recuperação dos adolescentes e entender o que leva o personagem protagonista a tomar atitudes que foge dos paradigmas e da moral.

Diante do exposto, salientamos que durante a análise dos dados identificamos que o filme traz a baila um problema que desde o final da Idade Média tenta-se resolver. Isso nos possibilitou uma reflexão mais profunda no que tange o sistema manicomial é também um chamamento para quem faz ou representa o estado.

Por fim, identificamos que ocorre uma forma de linguagem entre os adolescentes e o grupo que eles passam a pertencer ou interagir. Nesse contexto, os jovens precisam de uma interação com outros semelhantes. Essa faixa etária não deve ser tratada como fase do “aborrecimento”. É importante que esses sujeitos, vivam cada momento, pois, só assim irão adquirir uma maturidade sem sequelas. Nesse ponto, nos embasamos em teóricos que atendem a discussão acerca da (des)construção identitária, da relação familiar, psicossocial com expressividade nas representações individuais e coletivas.

Diante do exposto, esperamos que novas possibilidades de estudo possam ser desenvolvidas e que novas ideias e linhas de pesquisa sejam afloradas partir deste trabalho, pois a academia, a sociedade e o profissional precisam estar alinhados para melhor compreender esses processos de representações sociais. Contudo, mesmo tendo esses avanços não se pode ficar inertes, há muito o que se fazer em prol do bem-estar de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília – DF, 09 abr. 2001. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10216&ano=2001&ato=b4foXWE5kMNpWT0b8>. Acesso em: 20 jan. 2024.

COLL, César; *et al.* Desenvolvimento psicológico e educação. **Psicologia evolutiva**. 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. São Paulo: Ed. Forense. 1970.

DURKHEIM, Émile. **Sobre representações sociais**. (Traduzido por Clélia Nascimento Schulze para circulação interna). Núcleo de Psicologia Social, Departamento de Psicologia, UFSC, 1985.

DURKHEIM, Émile. **Représentations individuelles et représentations Collectives**. Publié dans la Revue de Métaphysique et de Morale, tome VI, número de mai. Editora eletrônica avec. Macintosh. 1898.

FADIMAN, James, FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. Coordenação da tradução. Odette de Godoy Pinheiro, tradução de Camila Pedral Sampaio, Sybil Safdié. São Paulo: Harbra. 1986.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina 2020. 12ª ed. 3ª reimpressão.

IONESCU, M, GULLANE, Filmes, BODANZKY, Lais. **Bicho de Sete Cabeças**. [Filme-vídeo]. Produção e direção de Lais Bodanzky, com roteiro de Luiz Bolognesi. Rio de Janeiro, produtoras brasileiras Buriti Filmes, Dezenove Som e Imagens Produções Ltda. E Gullane Filmes, com a participação da brasileira RioFilme e da italiana Fabrica Cinema e a distribuição da Columbia TriStar, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u24WcelAjww> 74min. Color.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Ângela Maria de Oliveira Almeida / Maria de Fátima de Souza Santos / Zeidi Araújo Trindade, organizadoras. - Brasília: Technopolitik, 2014. 2ª ed. 2014.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. Editora. Biblioteca Azul. 2010.

RANOS, Fábio Henrique, Ensaio sobre Saúde Mental: um Bicho de Sete Cabeças. **Revista ciência & Inovação – FAM** – V.2, N. 1 – dez. 2015.

TOMEI, Francisco Andrade, Artigo. **O conceito de representações coletivas em Durkheim**. Laboratório Didático. USP – Universidade de São Paulo: 2º semestre, 2013.